

### **Breve Introdução**

Este comentário tem o objetivo de discutir a posição dos periódicos nacionais do campo da saúde coletiva no conjunto dos periódicos desse campo que foram utilizados pelos programas de pós-graduação no último período avaliativo, de 2013 a 2016. Além de analisar a situação atual procurou-se discutir um conjunto de propostas novas visando a mudança no processo avaliativo para o período corrente. É importante compreender que apenas os periódicos próprios do campo foram analisados, muito embora, como ficará evidenciado pelos dados apresentados, os programas se utilizem de periódicos de todos os campos do conhecimento para divulgar sua produção.

O Qualis é uma ferramenta utilizada pelas comissões de área de avaliação da CAPES para qualificar a produção científica dos programas de pós-graduação. Dada a impossibilidade de avaliar, individualmente, cada um dos artigos registrados pelos programas em um período avaliativo, optou-se por classificar os periódicos científicos nos quais esses artigos estão publicados.

A classificação dos veículos como proxy para a qualidade dos artigos adota um conjunto de suposições destacando-se a confiança no procedimento de *peer review*, a potencialidade de circulação dos conteúdos e a possibilidade de citação por outros autores que estaria associada a cada um dos periódicos classificados no Webqualis.

Cada comissão de área tem liberdade para escolher seus procedimentos classificatórios desde que todos os títulos presentes em sua lista sejam classificados; não mais do que 50% dos títulos sejam alocados aos três primeiros estratos; no máximo 25% dos títulos sejam classificados nos estratos A e que a proporção de títulos classificados no estrato A1 não ultrapassem o percentual do estrato A2. Com o crescimento do número de periódicos e do número de artigos a cada período avaliativo, grande parte das comissões passou a adotar indicadores bibliométricos para estabelecer a classificação.

A área de Saúde Coletiva utiliza diferentes bases e indicadores bibliométricos no sentido de equilibrar melhor a avaliação de periódicos nacionais e estrangeiros, a cobertura de diferentes bases, periódicos nucleares do campo e dos demais campos do conhecimento e as subáreas do conhecimento no interior do próprio campo.

### **Situação atual**

Na área de Saúde Coletiva, entre 2013 e 2016, considerando-se apenas os artigos completos publicados em periódicos científicos classificados nos estratos de A1 a B5, foram registrados 15.618 artigos sem repetição, publicados em 2.405 periódicos distintos. Destes periódicos, 334 são do campo da Saúde Coletiva e veicularam 6.413 artigos. Os restantes, 9.205 artigos, foram veiculados em 2.071 periódicos pertencentes a todos os outros campos de conhecimentos. A priori, considera-se que esses artigos também devem ser do campo da Saúde Coletiva mas, estão sendo publicados em periódicos de outros campos por tratarem de problemas de investigação que apresentam interface nesses outros campos. Obviamente, essa suposição precisa ser investigada, mas a distribuição observada reforça essa hipótese, na medida em que grande parte dos artigos estão publicados em periódicos de medicina ou enfermagem, ciências humanas e multidisciplinar.

Do mesmo modo, há periódicos da Saúde Coletiva sendo utilizados para a publicação de artigos produzidos por docentes ou discentes de programas avaliados em outras áreas. Então para analisar os periódicos brasileiros da área é necessário analisar todos aqueles que constam da listagem do webqualis, independentemente da área em que o periódico foi utilizado. Para delimitar os periódicos do campo utilizamos as seguintes categorias de

indexação do Scimago: Emergency medical services; Epidemiology; Health informatics; Health information management; Health policy; Health social science; Health, toxicology and mutagenesis; Human factors and ergonomics; Life-span and life course studies; Public health, environmental and occupational health. Como o mesmo periódico pode estar classificado em mais de uma categoria procedemos à exclusão das repetições. Os periódicos não indexados foram classificados com base na descrição de seu escopo ou missão.

Considerando somente os periódicos científicos 146 títulos foram utilizados por programas de outras áreas de avaliação e desses, 18 (12%) são revistas brasileiras. Os outros 427 títulos foram registrados nos programas da Saúde Coletiva e 101 (24%) são revistas brasileiras. Assim, os periódicos nacionais (119) correspondem a 21% dos títulos de Saúde Coletiva utilizados pelos programas de pós-graduação no último período avaliativo.

Com os critérios atuais adotados pela área de Saúde Coletiva a distribuição dos periódicos brasileiros é inversa à distribuição observada para o conjunto de periódicos da área. Os periódicos da área apresentam dois grupos distintos em que 69% dos títulos se concentram entre o estrato A1 e o estrato B3 tendo proporções decrescentes a partir do estrato A2, e 31% se distribuem nos últimos três estratos incluindo o estrato C que atualmente reúne 14,5% dos periódicos em decorrência da decisão de classificar aí todos os periódicos ditos predatórios. Considerando os periódicos brasileiros observa-se exatamente o oposto, ou seja, apenas 21% dos periódicos correspondem aos estratos entre A1 e B3 e 79% dos periódicos se distribuem nos últimos três estratos, com valores decrescentes do estrato B4 para o C. Cerca de 25% dos periódicos estão classificados no estrato C por não estarem indexados em nenhuma base de dados e nem atenderem os critérios utilizados para os estratos anteriores.

Nos programas de Saúde Coletiva, 6008 artigos com classificação no Qualis, foram publicados em periódicos próprios da área. 73% dos artigos foram classificados nos estratos A1, A2 e B1 sendo que 3.095 (71%) desses artigos foram publicados em periódicos nacionais. Estes dados apontam claramente que o peso das publicações nacionais é desproporcionalmente alto no campo. Esta situação derivou-se da decisão adotada em 2008 de valorizar a indexação das revistas ibero-americanas no SciELO e utilizar os indicadores bibliométricos dessa base em combinação com aqueles fornecidos pelo Scimago e pelo Incites.

Portanto, os critérios atualmente adotados para a construção do Qualis da Saúde Coletiva privilegiam as revistas nacionais classificando-as em estratos mais altos baseados no desempenho das mesmas em uma base de indexação com representatividade nacional e regional. Há duas revistas classificadas no estrato A2, seis no estrato B1, quatro no estrato B2, oito no estrato B3, 29 no estrato B4 e 27 no estrato B5. Embora a maior parte dos periódicos nacionais estejam classificados nos estratos inferiores (75%), os artigos estão concentrados nos estratos superiores (80%)

Das 119 publicações brasileiras da lista da Saúde Coletiva apenas três estão indexadas no JCR e nove estão indexadas no Scimago. No JCR os fatores de impacto variaram entre 0,75 e 1,91 em 2017, portanto apenas um acima da mediana da área que foi de 1,85. Das nove indexadas no Scimago, a mediana dos cites per doc foi de 0,41 enquanto a mediana para a área como um todo foi de 1,02. O índice h dessas revistas variou entre 4 e 66 com mediana de 15 enquanto a mediana da área foi de 23, apenas quatro periódicos apresentaram índice h acima da mediana. Para 48 periódicos foi possível recuperar o índice h de 5 anos do Google Scholar e os valores variaram entre 2 e 46 com mediana de 7. Para a lista da Saúde Coletiva a mediana do indicador foi igual a 14.

### **Proposta de Mudança discutida pelo CTC em fevereiro de 2018**

Há praticamente um consenso na comunidade acadêmica do sistema nacional de pós-graduação em torno da necessidade de mudança no processo de avaliação. Todos reconhecem a enorme importância que a avaliação teve, ao longo dos anos, no

desenvolvimento da pós-graduação e da ciência brasileira, desempenhando papel indutor na melhoria da qualidade na formação e na produção intelectual. Entretanto a identificação de problemas decorrentes do crescimento bastante acelerado do sistema nas duas últimas décadas, da diversificação das instituições, das diferentes modalidades de oferta e, da permanência de um processo avaliativo por tempo longo demais, sem alterações significativas levam à necessidade de revisão.

Nos últimos 10 anos, houve três modificações conceituais ou operacionais no processo de avaliação: a reformulação do Qualis periódicos, a utilização de uma ficha de avaliação bastante metrificada e o desenvolvimento da Plataforma Sucupira, sem que fossem alterados o caráter comparativo na atribuição das notas nem a escala de notas.

O Qualis Periódico, em sua forma atual, pode ser usado para avaliar o desempenho comparativo entre programas de pós-graduação pertencentes a uma mesma área de avaliação mas não serve como instrumento para mensurar a produção científica em si, visto que, os critérios usados pelas áreas não apresentam nenhuma equivalência e as travas impostas à classificação dificultam uma apreciação adequada da produção científica fora do contexto de avaliação dos programas. Mesmo no âmbito da avaliação seu uso é problemático na etapa de análise inter-áreas realizada pelo Conselho Técnico-Científico. Se o instrumento é de difícil compreensão pelos próprios coordenadores de área, obviamente ele é também pouco compreendido pela comunidade de docentes, discentes, autores e editores.

Para recuperar a potencialidade do Qualis periódico como instrumento de avaliação da produção científica, que possa ainda ser utilizado como um instrumento na avaliação dos programas é necessário reformulá-lo de modo que ele inclua apenas periódicos científicos, cada periódico possua apenas uma classificação, a classificação esteja baseada em critérios objetivos de circulação e impacto, o referencial para definição dos estratos deve ser a distribuição do impacto no conjunto de periódicos indexados em cada campo do conhecimento e não a produção registrada pelos programas, e os pontos de corte adotados devem ser os mesmos para todas as áreas do conhecimento baseados na distribuição em percentis dos indicadores selecionados.

Para permitir a comparação entre áreas com modos de produção diferenciados, culturas de citação também bastante individualizadas, além de tamanhos variados de comunidades de interesse, a adoção dos percentis é um recurso fácil, compreensível e autoexplicativo que respeita a diversidade e permite a comensurabilidade.

#### **Potenciais impactos de um novo Qualis**

Caso essa nova lógica fosse aplicada aos periódicos da lista de Saúde Coletiva e fossem adotados como pontos de corte para os estratos do Qualis os seguintes valores: percentil 95 para o estrato A1, percentil 85 para o estrato A2, o percentil 70 para o estrato B1, o percentil 50 para o estrato B2, o percentil 30 para o estrato B3 e abaixo do percentil 30 para o estrato B4, reservando o estrato B5 para os periódicos disponíveis em repositórios mesmo que sem indicadores bibliométricos, haveria mudança na distribuição dos periódicos da área com um deslocamento para a direita, tanto em geral quanto para os periódicos nacionais.

Tabela1: Distribuição dos periódicos (573) e dos artigos (6.008) publicados em periódicos da Saúde Coletiva segundo o Qualis atual e o novo Qualis, 2013-2016

ESTRATO	PERIÓDICOS		ARTIGOS	
	ATUAL	NOVO	ATUAL	NOVO
<b>A1</b>	20,8	9,1	12,3	8,7
<b>A2</b>	22,3	17,2	25,7	6,0
<b>B1</b>	20,8	18,7	34,9	39,0
<b>B2</b>	10,1	16,4	10,4	8,1
<b>B3</b>	6,3	8,9	5,8	18,2

<b>B4</b>	10,1	15,0	6,3	16,5
<b>B5</b>	9,6	14,7	4,5	3,4

Tabela2: Distribuição dos periódicos(119) e dos artigos(4.607) publicados em periódicos brasileiros da Saúde Coletiva segundo o Qualis atual e o novo Qualis, 2013-2016

ESTRATO	PERIÓDICOS		ARTIGOS	
	ATUAL	NOVO	ATUAL	NOVO
<b>A1</b>	0,0	0,0	0,0	0,0
<b>A2</b>	2,7	0,0	26,5	0,0
<b>B1</b>	8,1	3,2	40,8	26,4
<b>B2</b>	5,4	2,1	12,4	26,4
<b>B3</b>	10,8	7,4	7,0	22,8
<b>B4</b>	39,2	40,4	8,1	20,6
<b>B5</b>	33,8	46,8	5,3	3,9

Realocar as duas revistas brasileiras, *Cadernos de Saúde Pública* e *Revista de Saúde Pública*, atualmente classificadas no estrato A2 para o estrato B1 e, deslocar deste estrato as cinco revistas mantendo apenas a revista *Ciência & Saúde Coletiva* ao lado das duas anteriores, modifica significativamente a distribuição dos periódicos e dos artigos nesses dois estratos. Esta nova classificação não incorpora os dados do SciELO que poderiam vir a ser usados pela comissão de área redefinindo a distribuição entre os estratos B1 a B4 sem com isso inviabilizar a comparação entre áreas na medida em que o mesmo critério fosse adotado por áreas cobertas pela base SciELO.

Quais seriam as vantagens e desvantagens decorrentes da adoção desse novo Qualis, tanto para a avaliação dos programas de pós-graduação quanto para as revistas brasileiras?

Na avaliação dos programas de pós-graduação se tornaria mais fácil identificar programas com produção efetivamente internacionalizada daqueles com excelência nacional e regional (íbero-americana); seria possível identificar a posição relativa na comparação com os programas de referência internacional; seria possível comparar o desempenho dos programas da área com aquele observado em outros campos de conhecimento. Para que a classificação desviada à direita não implicasse em prejuízo aos programas, a adoção do novo Qualis teria que vir associada à análise qualitativa da melhor produção de cada programa conforme indicado à comissão de área pelo processo de auto avaliação dos programas. O Qualis serviria apenas para a caracterização dos clusters de programas na fase quantitativa inicial e a avaliação da produção se faria pela análise dos artigos efetivamente, levando-se em conta critérios de mérito acadêmico, inovação teórico-metodológica, impacto bibliométrico (e eventualmente altimétrico) e relevância social.

Para os periódicos brasileiros uma classificação mais realista quanto ao seu posicionamento no conjunto dos periódicos indexados só ajudaria a desenhar de modo mais coerente as políticas editoriais considerando que o sistema de publicações científicas deve ser visto como um ecossistema em que diferentes espécies podem e devem coabitar, e que os mecanismos sinérgicos entre diferentes publicações poderão atender melhor aos interesses das diversas comunidades de autores e leitores do que mecanismos de competição autofágicos.

Para que tal possibilidade se realize sem prejuízos aos diferentes veículos é preciso que as agências financiadoras compreendam e aceitem esses pressupostos, valorizando o papel importante que publicações nacionais tem no fortalecimento da ciência local, regional e nacional e, em se tratando de áreas de pesquisa estratégica como a Saúde Coletiva, a relevância de veículos nacionais para fornecer conhecimentos baseados em evidências científicas que possam subsidiar a tomada de decisões na esfera da política pública setorial ou ainda informações que possam fundamentar a atuação crítica dos movimentos da

sociedade civil face a governos antidemocráticos e descompromissados com a melhoria das condições de vida da maioria da população.